



SALOMÃO, Ana Carolina Pereira. **FAQ de Pandora – O que torna uma memória coletiva?** Campinas: UNICAMP. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP. Orientação: Marcelo Ramos Lazzaratto. Atriz.

# FAQ DE PANDORA – O QUE TORNA UMA MEMÓRIA COLETIVA?

| Ana Carolina Pereira Salomão

## RESUMO

A partir das inquietações e reflexões suscitadas pelo último Seminário Interno de Pesquisas Mario Santana, o presente ensaio tem como objetivo uma reflexão poética a respeito do mito e da memória e suas potências como elementos expressivos de ordem coletiva. Tendo as discussões levantadas pela mesa de compartilhamento “Relatos e Reflexões sobre Autobiografias, Autoficções e Temas Correlatos nas Criações Cênicas” e a pesquisa de mestrado “Que ‘Ai, de mim’ sai dessa boca? - Estudo e Prática sobre uma Medéia Contemporânea” como principais referenciais para abordagem, pretende-se pensar e associar o poder das narrativas mitológicas gregas e sua composição no mundo ocidental num diálogo constante entre a realidade e a ficção e sua conseqüente construção de memória. Para tanto, este ensaio utiliza-se do mito de Pandora, a primeira mulher que existiu, como material de jogo e estudo de arquétipos. Aqui, sua caixa mitológica se transforma num receptáculo de perguntas.

### **Palavras-chave:**

*Mito. Memória.  
Mitologia Grega.  
Pandora.*

## ABSTRACT

Based on the concerns and reflections raised by the last Mario Santana Internal Research Seminar, this essay aims at a poetic reflection about myth and memory and their powers as expressive elements of a collective order. Having the discussions raised by the sharing table “Reports and Reflections on Autobiographies, Self-Fiction and Related Themes in Scenic Creations” and the Master's research “What ‘Oh, me’ comes out of this mouth? - Study and Practice on a Contemporary Medea” as main references for approach, it is intended to think and associate the power of greek mythological narratives and their composition in the Western world in a constant dialogue between reality and fiction and its consequent construction of memory. For this purpose, this essay uses the myth of Pandora, the first woman that existed, as material for playing and studying archetypes. Here, your mythological box becomes a receptacle for questions.

### **Keywords:**

*Myth. Memory.  
Greek Mythology.  
Pandora.*

## Quem somos nós? - Era uma vez, um mito

Quando criança, lembro-me do momento em que tal questão surgiu em meu horizonte ainda tão inocente - "Quem sou eu?". Acredito que nem mesmo hoje, em meus 28 anos de vida, que não são muitos, mas já são alguma coisa, eu seja capaz de responder tal pergunta (quem eu sou tem sido tão mutante!). Com sorte, porém, percebo que a cada dia venho me preocupando menos com a necessidade de uma única e definitiva resposta. E, quero crer que isto é o tal do amadurecer que vem dando as caras por aqui.

Contudo, como vinha escrevendo, foi na infância que estas e outras questões existenciais, rapidamente brotaram em meus pensamentos e, sem que me desse conta dos porquês, continuam comigo no entra e sai de cada ano. Oras, tudo muito natural, afinal, quem não quer saber quem é e de onde veio? Recordo de minha mãe e suas disfarçadas caretas para as perguntas por vezes complexas demais para quem já entendeu que resposta certa nem sempre há. Neste e, em tantos outros casos, nada mais justo e mais generoso do que responder com uma boa e velha história.

A história das cegonhas, por exemplo, que trazem os bebês limpinhos e cheirosos embrulhados num pano preso aos próprios bicos, nunca me convenceu totalmente. Ainda assim, tenho esta narrativa presente no arcabouço de minha memória. Provavelmente, alguém me contou certa vez, na tentativa de me explicar como nasci. As narrativas sobre o Papai Noel e o Coelho da Páscoa, mitos arraigados à maioria das culturas do Ocidente e que mantêm, ainda que de forma controversa, potenciais atualizações no presente, também não duraram muito enquanto verdades inabaláveis em mim. Mas, eles igualmente estão lá, guardados em meu achadouro.

Existe ainda o Saci-pererê, a Mula-sem-cabeça, o homem malvado do saco que leva as criancinhas, a fada do dente e tantos outros; todos mitos ou lendas, que em maior ou menor escala estão em minha imaginação. E, de alguma forma, sempre que me recordo deles, me aproximo daquilo que fui, do que me fez e me faz estar aqui hoje, escrevendo este ensaio sobre memórias; as quais, atrevo-me, acredito fielmente não serem exclusivas a mim.

Entendi que queria ser atriz também criança ainda, quando justamente percebi que o teatro seria o lugar capaz de me fazer viver as histórias que lia e ouvia.

Naquela altura, já era clara a dissociação entre o real e o imaginado, mas isto não tornou nada menos envolvente ou interessante, pelo contrário. No teatro eu poderia (e, felizmente, posso) brincar de ser eu e mais alguém e outro, ainda. E, dessa forma, sigo contando e criando narrativas; sigo buscando sentidos para o “quem sou eu?” que me acompanha eternamente.

Minha pesquisa de mestrado dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena tem como ponto principal de estudo o mito de Medéia, esta singular heroína trágica que, por sua vez, é mais uma história que perambula no inconsciente da maioria de nós. A partir do levantamento e aprofundamento de seus arquétipos, busco estabelecer pontes entre alguns artistas contemporâneos que se utilizaram deste mito para a criação de outras obras e, debruço-me sobre sua capacidade, enquanto mitologia, de construir e fazer sentido tanto tempo depois de sua primeira enunciação. Num esforço de síntese, ao estudar uma manifestação tida como tradição, abro espaço para o novo que pode vir a ser. Este é, a meu ver, o caminho e é nele em que me proponho estar.

Neste ensaio, no entanto, escolhi refletir sobre outra figura mitológica: Pandora, a primeira mulher que existiu. Não me ocorre movimento melhor ao pensar neste retorno às origens que até aqui, nestas primeiras linhas, projetei. E, junto com as inquietações geradas pela mesa de compartilhamento “Relatos e Reflexões sobre Autobiografias, Autoficções e Temas Correlatos nas Criações Cênicas” que aconteceu no *VIII Seminário Interno de Pesquisas Mario Santana*, no dia sete de outubro de 2020, associar e pensar o poder desta narrativa com a construção de uma memória que pode se denominar coletiva.

Refletir acerca do mito e da memória, estabelecer esta zona de contágio entre ambos, inevitavelmente, nos leva a pensar suas possibilidades de atualização em relação ao presente. Frente à minha percepção e experiência, busco encontrar tais pontes. Vejamos o que haverá dentro desta caixa, desta vez...

Que se abra!

\* \* \*

Diz o mito, que chegou o momento em que os deuses quiseram colocar sobre a terra criaturas mortais. Para isso, chamaram dois irmãos - os titãs, Prometeu<sup>1</sup> e Epimeteu<sup>2</sup> - e lhes encarregaram de criar tais seres vivos. A tarefa da irmandade seria a de moldar as criaturas a partir da argila e, posteriormente, distribuir a elas diversas características. As primeiras formas que fizeram foram os animais, em seguida, os homens. Até ali, não existia a corporificação da mulher. Epimeteu, fazendo jus a seu nome, imediatamente, se prontificou a designar as qualidades aos primeiros seres criados, dando pelos a uns, garras a outros e assim por diante. Quando chegou a vez dos homens, porém, todas as características já haviam se esgotado. Prometeu, percebendo o deslize do irmão, resolveu recompensar a raça humana, uma vez que, tinha se afeiçoado a ela. Como dádiva, o titã roubou o fogo dos deuses e o entregou aos homens, que passaram a possuir seu poder e domínio, provocando assim, a grande fúria de Zeus.

O líder do Universo, então, decide se vingar de nosso criador e de sua criação. Prometeu é acorrentado a uma montanha, à qual deveria passar o resto da eternidade e, onde teria seu fígado devorado todos os dias por uma ave<sup>3</sup>. Enquanto isso, Zeus ordena que Hefesto, o deus das Artes, crie, também a partir da argila, uma figura em semelhança às deusas. Hefesto lhe apresenta em resposta uma estátua magnífica, que recebe de Atena o sopro da vida; de Afrodite, a beleza; de Apolo, a voz; de Hermes, a persuasão. Cria-se assim, Pandora<sup>4</sup>, a primeira mulher.

Pandora foi enviada como presente a Epimeteu, que não desavisado, porém precipitado em demasia, encanta-se com sua beleza e a toma por sua esposa. Ela chega trazendo uma caixinha<sup>5</sup> como mais um presente do senhor do Olimpo aos recém-casados. Mas, com tal caixa, vem o alerta de que esta nunca deveria ser aberta.

<sup>1</sup> Prometeu, na mitologia grega, é um titã (da segunda geração), filho de Jápeto e irmão de Atlas, Epimeteu e Menoécio. Etimologicamente, seu nome significa "antevisão", aquele que antevê.

<sup>2</sup> Epimeteu, irmão de Prometeu, também é um titã (da segunda geração), filho de Jápeto e da ninfa ou oceânide Ásia, filha de Oceano, também chamada de Clímene. Seu nome em grego, em contraposição ao de seu irmão, significa aquele que vê depois de agir.

<sup>3</sup> Zeus ordenou a Hefesto (deus das Artes) que acorrentasse Prometeu no cume do monte Cáucaso, onde todos os dias uma águia vinha para dilacerar seu fígado que, também todos os dias, regenerava-se. Esse castigo devia durar 30000 anos. Prometeu foi libertado do seu sofrimento por Hércules. Em seu lugar, o centauro Quíron deixou-se acorrentar no Cáucaso, garantindo a libertação do titã.

<sup>4</sup> Em grego clássico: Πανδώρα, "a que tudo dá", "a que possui tudo", "a que tudo tira".

<sup>5</sup> A caixa de Pandora era, segundo outras versões, um jarro. Mas, isso indifere para nós na apreensão do mito.

Um tempo depois, vencida por sua curiosidade, Pandora termina por abri-la, liberando sobre a terra os males que até hoje afligem a humanidade. Rapidamente, no desespero de reverter sua ação, ela torna a fechar o recipiente. Porém, a única coisa que nele termina retida é a esperança.

### O que é um mito? - A história de nosso corpo

*Os mitos são sonhos coletivos e não devem ser tomados literalmente. Eles são metáforas.*  
- Joseph Campbell

**P**ara seguirmos o movimento, algumas definições técnicas se fazem necessárias a fim de manter o arco de ação ao qual me proponho. Começamos por conceituar o que é um mito. Aqui, tomarei por base os estudos e interpretações desenvolvidas por Joseph Campbell e Stanley Keleman, grandes estudiosos de mitologia, e, umas das principais referências neste início de minha pesquisa na Pós-Graduação.

Um mito é uma narrativa simbólico-imagética que representa um mundo, não necessariamente uma realidade. Procura explicar e demonstrar, por meio do modo de ser e agir das personagens que narra, a origem das coisas. Evolui com as condições históricas e étnicas relacionadas a cada cultura que o cria e, por isso, depende de um tempo e de um espaço para existir e para ser compreendido. Nas palavras de Keleman:

Uma história que brota da história do processo corporal para orientar a vida e indicar valores. Num nível, um mito expressa uma visão do mundo social e pessoal, representa uma cosmologia. Em outro, fala dos desafios e das atribulações no processo de iniciação aos diferentes estágios da vida adulta. Um mito é uma ordem social que fala de papéis familiares, de conflitos e resolução. E, finalmente, um mito é um prazer pelo qual fazemos os diferentes personagens do corpo se relacionarem entre si. Um mito ajuda a ordenar as experiências maiores da vida, como lealdade, sexualidade e morte (KELEMAN, 2001, p. 27).

O mito de Pandora e sua caixa de mazelas é mais uma das histórias que povoam as imagens de nosso inconsciente coletivo<sup>6</sup>. Não diferente do mito da criação no livro do Gênesis - perspectiva judaico-cristã da origem da vida; ou do mito do Graal

<sup>6</sup> Segundo o conceito de psicologia analítica criado pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, o inconsciente coletivo é a camada mais profunda da psique. Constituído pelos materiais que foram herdados, não se desenvolvendo individualmente. É composto por formas preexistentes que não tomam consciência, à priori; os arquétipos, cujas influências se expandem para além da psique humana.

- que muito antes de sua versão cristianizada, já existia na mitologia celta, contando a busca do Rei Arthur e seus cavaleiros por um recipiente mágico; este mito grego, como tantos outros, tem uma função de organizar a experiência de nossa origem, de dar forma a uma narrativa a partir daquilo que nos é dado; nossa existência.

Um mito é um contar histórias, uma expressão direta de nossas experiências, estejamos ou não cientes disso. A história que contamos a nós mesmos é, na verdade, a história de nosso próprio processo. Esse processo é o ingrediente essencial do nosso *self* subjetivo. O mito fala da natureza da experiência do nosso *soma*<sup>7</sup>. Será que precisamos de uma história para nos falar do que é sagrado? Ou já temos a experiência que casa com a história? Será que a história evoca a experiência que nos permite sentir e dar sentido ao que está acontecendo? A função do mito é colocar a experiência em histórias, porque histórias são organizadoras da experiência corporal, das maneiras de moldar a nós mesmos como indivíduos (KELEMAN, 2001, p. 29).

No mundo grego, muito antes da abordagem científica e teórica do tema, a consciência de que o teatro e os mitos que narrava eram uma ficção e, por isso mesmo, não real, mas sim um espaço para o exercício do imaginar sempre esteve presente. Ainda assim, tudo o que se imaginava se estabelecia a partir do desejo de explicar e entender o que era tangível, concreto, ou seja, o que o corpo vivenciava.

Contudo, o que tornava essa experiência coletiva? O que de fato abarca ser coletivo? Segundo Keleman (2001, p. 27) e sua perspectiva somática já anunciada acima, na ânsia por compreender seu mundo interior e exterior, os seres humanos inventaram uma história sobre si para si. Por isso, quando alguém conta um mito, se estabelece uma conexão de um organismo a outro que, inevitavelmente, emerge na consciência do que é comunal, pois a mitologia está estruturada em nossas células.

Sobre esta relação corpo e mito, Campbell, sem dúvida, nos ajuda a verticalizar e clarear o caminho:

Para mim, a mitologia é uma função da biologia [...] um produto da imaginação do *soma*. O que os nossos corpos dizem? E o que eles nos estão nos contando? A imaginação humana está enraizada nas energias do corpo. E os órgãos do corpo são os determinantes dessas energias e dos conflitos entre os sistemas de impulsos dos órgãos e a harmonização desses conflitos. Esses são os assuntos de que tratam os mitos (CAMPBELL *apud* KELEMAN, 2001, p. 25).

Mais uma vez, o mitólogo, nos esclarece que mito é produto da imaginação de um corpo que vive e busca organizar sua experiência.

<sup>7</sup> O significado para *soma* varia de acordo com as fontes de pesquisa. Mas, podemos considerar que na Grécia antiga seria equivalente a 'corpo sem vida'; na moderna, assume o significado de 'corpo'.

Neste sentido, sendo o mito uma manifestação do ser, é através de sua rememoração, de seu resgate que o ser grego pôde, e a humanidade pode eternizá-lo. No esforço por lembrar, em contraposição a nossa experiência ordinária do tempo que é incontável, o ser humano pensante representa seu mundo incontáveis vezes através da narrativa de situações e comportamentos que se tornaram modulares de sua existência, reconhecendo por meio disso arquétipos<sup>8</sup> que são alicerces de nossa psique.

E, é nesta conexão passado-presente que abrimos espaço para a construção de nossa memória. No ato de recontar nos conectamos com a essência primeira de nossos corpos e nos damos conta de nossa capacidade de estabelecer sentidos coletivos que nos unem e atualizam enquanto espécie.

No artigo O Lugar Mítico da Memória, Cláudia Cerqueira do Rosario sintetiza esta função do lembrar:

Em suma, a memória não está apenas no passado trazido à tona pela recordação, mas está presente em nossos corpos, em nosso idioma, no que valorizamos, no que tememos e no que esperamos. A memória nos identifica como indivíduos e como coletividade (ROSARIO, 2001, p. 4).

Identifico, portanto, com esta breve explanação que na caixa da memória coletiva estão os corpos dos indivíduos e sua existência que, por sua vez, são o material dos mitos de cada cultura que contam as histórias de todos os corpos no mundo. Uma coisa dentro de uma coisa, dentro de uma coisa, dentro de outra; assim, se faz a história de nosso corpo.

### **Em minha caixa tem... - FAQ<sup>9</sup> de Pandora**

Voltemos à nossa Pandora e ao resgate de sua memória coletiva. O que neste mito me interessa hoje? Como esta história se atualiza e coletiviza? Quando abro sua caixa, na ilusão dos milhares de anos depois, o que sai de dentro dela são estas perguntas.

Não foi Pandora que fez parte direta da formação de minha consciência, nas origens de meu ser. Minha trajetória como cria de família católica, ainda que só

<sup>8</sup> Arquétipos são imagens primordiais, universais, determinadas pela sua forma e não pelo seu conteúdo. Estão presentes em todo tempo e em todo lugar, sendo estruturas inatas para o desenvolvimento das expressões e da psique. Só assumem a consciência num segundo momento exatamente pelo seu caráter vazio e formal, determinando possibilidades de formas de representação.

<sup>9</sup> FAQ é sigla para Frequently Asked Questions, literalmente traduzida como Questões Frequentemente Perguntadas.

no estereótipo, me fez conhecer Adão e Eva primeiro. Meus conflitos de criança, por conta disso, estavam em entender o porquê Eva tinha se deixado seduzir por aquela maldita cobra, porque raios tal cobra falava e como a maçã, uma fruta tão insossa, poderia ser símbolo da grande tentação. E mais, como só depois destes acontecimentos Adão e Eva passaram a andar vestidos pelo mundo. Que lugar é este onde se pode andar nu?

Ainda que soe infantil (o que de fato é) este foi o movimento de aproximação de tais histórias a mim; por via das dúvidas, literalmente. E, hoje, no meu só crescente interesse pelo estudo dos mitos gregos, identifico o mesmo caminho, em nada inverso, mas sim, complementar. São as dúvidas que me levam.

Encontro-me com Pandora e me pergunto por que a culpa seria dela a respeito dos males do mundo? São mesmo males que sua caixa carrega? Por que sua curiosidade, muitas vezes, é lida apenas como um problema? Por que negar o óbvio ao interpretar o mito e delegar a figura feminina um ideal inferior, quando é tão clara a interdependência dos gêneros, os quais atualmente, já transcendem as noções de dualidade? E, finalmente, que valor cabe à esperança?

Olho para a caixa novamente.

Procuro mais fundo em seu interior.

Parece haver outras saídas...

### **A Curiosidade**

*Não me lembro ao certo como aconteceu. Lembro-me apenas de uma sensação quente no peito que logo se transformou num comichão que me avançava o corpo por inteiro. Ainda que todos em volta me dissessem “Não!” algo ali me chamava e eu precisava, eu realmente precisava, seguir aquela voz.*

Quem de nós nunca ouviu um chamado para a aventura? Quem de nós nunca se viu em dúvida frente uma ação e se deixou guiar pelo instinto? No caminho arquetípico traçado por Pandora, encontro este motor pulsante que me ajuda a ancorar algumas sensações e comportamentos muito familiares com os quais já lidei e que permanecem na memória de meu corpo - a curiosidade.

Ter curiosidade é um instinto inato ao ser humano e significa o desejo por conhecimento, pela exploração, por aprendizado. É fato que existe uma dualidade

nesta ação. Quando passamos a conhecer algo até então oculto, isto evidentemente traz consigo o medo do desconhecido e, muitas vezes, o sofrimento por tal descoberta.

Retorno, mais uma vez, à minha infância e ao momento em que descobri a morte inerente a todos nós, por exemplo. Descoberta em função do desejo por saber mais sobre mim e a vida que me cerca. Consigo sentir o despertar da memória da sensação no corpo, recordar o desespero primeiro em saber que haverá um fim. Me abstenho aqui de entrar em outras divagações sobre as possibilidades do pós-morte. Esta discussão não me interessa. Quero me restringir aos fatos. E, fato é, morrerei; morreremos.

Uso este exemplo como contraponto às maravilhas do ser curioso, pois a mesma curiosidade pode nos apresentar facetas difíceis de lidar. Mas, retornando à potência do mito e sua função de organização da experiência, deixar de conhecer não é uma possibilidade, se é avante o seguir.

No caso de nossa primeira mulher, a proibição de sua curiosidade exerce um controle sobre seu desejo que, nesse caso, representa sua própria condição de ser humana. Ao se rebelar deste controle, o princípio do feminino é tido muitas vezes como transgressor no mal sentido, quando na verdade ele está respeitando a pulsão de vida que carrega por ser justamente humano e não apenas feminino. Existe sim um prazer no descontrole de Pandora, na consciência de seu 'erro', prazer este que evidencia impulso de vida e, também, uma escolha. Com sua curiosidade, Pandora me ensina a escolher e, assim, o mito se atualiza em mim e me coletiviza.

### **Feminino+masculino**

*Coloquei-me em frente a tal caixa do “Não!”, estava quente e latejante. Um trovão ecoou no horizonte e, num susto, lancei-me para longe. Estava evidente que ela, a caixa, continha um portal do antes para o depois. “O que tem além? Eu quero saber!”. Sem mais delongas, me aproximei lentamente. Peguei-a firmemente, apesar do medo e, com ar decidido, abri. Eu abri a caixa!*

No mito escrito por Hesíodo, por volta do século VIII a.C., Pandora é uma vingança de Zeus aos homens, entregue como presente a Epimeteu e que rapidamente traça a ruína da humanidade ao abrir a caixa que carrega o mal do mundo. Esta, no entanto, é apenas a leitura direta desta narrativa.

É fato que o mito conta com diversas versões e, conseqüentemente, múltiplas interpretações. Porém, sem perder de vista que este mito nos serve para auxiliar na organização de nossa experiência corporal, se considerarmos as necessidades e seu valor no presente como já discutido, percebemos que é preciso olhar a caixa das mazelas uma segunda vez, de fato.

Voltemos duas casas neste jogo da vida.

A história de Pandora não pode ser compreendida sem a saga de Prometeu e Epimeteu - da mesma forma que minha história não pode ser compreendida sem o masculino que me fez e habita em mim (não quero perder o paralelo de minha experiência). Os irmãos, ainda que pertençam à categoria divina dos titãs, são protagonistas da história da criação do ser humano. Ou seja, podemos considerar que ambos colaboram, com suas facetas opostas e complementares, para a constituição de nossa essência. Prometeu com sua astúcia e prudência, Epimeteu com sua desatenção e errância; todas qualidades inerentes ao humano.

Quando Pandora entra no jogo evidencia algo que já estava lá, trazendo consigo o feminino e toda sua incerteza e inconstância e, isso não é um mal, é a vida sendo senhora de si. Por exemplo, não seriam as tais características específicas da mulher dadas pelos deuses as mesmas apresentadas por Prometeu a Zeus na sua tentativa de proteger sua criação, a saber, a persuasão e a dissimulação? Os princípios do feminino não fazem nada mais, nada menos, do que nos permitir o conhecer por completo de nós mesmos, do saber que nos constitui desde sempre. Enxergo a 'invasão' que a vibração do feminino faz no masculino como o que promove a vida verdadeiramente.

## A Esperança

*Um silêncio surreal se fez, onde até as vozes da minha cabeça emudeceram. Eu esperei algo dali sair, uma luz, um som... Mas, não houve nada. Nada! Eu abri a caixa e dentro dela, nada. Eu diria que me frustrei, mas na verdade, nem isso aconteceu. Olhei novamente seu interior e um leve brilho fez contraste no escuro. No fundo da caixa havia um espelho pequenino e circular. Olhei-me e me vi. E tudo, sem nenhum mistério, fez sentido.*

*P*ara escrever este breve ensaio foram muitas as versões de Pandora, Prometeu e seu irmão, as quais pesquisei. A maioria delas termina por narrar a esperança como único mal que resta na caixa. Algumas leituras insistem no seu valor positivo e, que é por isso mesmo que o mundo está perdido, pois a virtude que deveria sair não sai. Ou então, que por conta da esperança ter se mantido presa é que seguimos confiantes na luta contra os males que moram na Terra.

Estes exemplos mostram como flexionamos um mito para que ele atenda a valores já constituídos em nós em algum lugar do tempo e do espaço. Está claro que o mito é passível de múltiplas interpretações e, como isto é bom, pois o mantém vivo em diferentes culturas e em diferentes momentos. Porém, vale atentarmos até que ponto a flexão não se torna manipulação. Sei ser esta uma questão complexa hoje, uma vez que, há quem defenda ‘mito’ que nem mito é. Entretanto, é importante considerar que na construção da memória da humanidade, coisas se criam, se perdem e se transformam; mas o seu manipular, como a própria ação diz, pode distorcer valores.

Se considerarmos a versão de Hesíodo, veremos que o que sobra na caixa é, na verdade, a Antecipação:

Mas a mulher, removendo com as mãos a grande tampa de um jarro,/ espalhou-os, e preparou amargos cuidados para os humanos./ Sozinha ali ficava a Antecipação, na indestrutível morada,/ dentro, abaixo da boca do jarro, e para fora não/ voou (apud MOURA, 2012, p. 71).

Ou seja, existe um erro de tradução que determina novas maneiras de se olhar para a história. Se analisarmos estudos sobre mitologia grega, veremos que a esperança acaba por ser descrita não como uma virtude para os gregos justamente para dar conta do desvio. E, com isto, retorno a minha experiência e ao meu microcosmos na tentativa de aproximar este mito a mim.

Esperança em sua raiz etimológica tem sim significado de bonança, do germinar de futuros. Em latim, equivale a “confiar em algo positivo”. A inclusão do valor de temor dado a ela, o de esperança incerta, é fruto de uma construção moderna e da relação humanidade-natureza neste contexto. Neste sentido, quantas vezes esperei por algo numa espécie de fé cega que não me levou a lugar nenhum? Quantas expectativas foram quebradas, fosse por algo favorável ou não?

Por conta disso, na minha percepção desta história, entendendo a caixa de Pandora como um conjunto que revela o mundo para si mesmo, prefiro sim libertar a

Esperança de qualquer valor e manter a Antecipação dentro da caixa para que eu tente enfrentar as demandas da vida de maneira mais alcalina, sem medo de enxergar sua realidade. Isto não é pouca coisa, é o trabalho e os dias de uma vida.

Sigamos.

### **O Tesouro de Pandora - Conclusão**

O empenho exigido para aproximar este mito do meu hoje, brincando de ser Pandora nas entrelinhas, foi intenso. Mas, também fluido, na medida que me reencontrava com minhas memórias e elas se reformavam no presente.

É evidente que para compreender esta narrativa de origem da vida, faz-se necessário esforço maior, o de transpor o olhar sobre mim mesma no sentido de se ver o mundo. Ou seja, ainda que ele explique questões que se relacionem às de minha experiência, ainda que este mito construa memória em mim, preciso deslocar o filtro para dar conta daquilo que move seu subterrâneo. Trata-se do entendimento do eu-coletivo, inserido histórico e politicamente para dar conta de suas dimensões mais profundas e abrangentes.

Um mito grego hoje em dia, dificilmente sai ileso numa discussão mais rasa se levarmos em consideração as temáticas que nos movem no contemporâneo. A sociedade na qual eles se estabeleceram era evidentemente patriarcal e machista se considerarmos só alguns pontos imediatos, e seus autores, majoritariamente homens, eram fruto daquele tempo e daquele lugar. Isto quer dizer que, fosse tal sociedade em seu momento de criação um matriarcado, a narrativa mítica seria outra.

Contudo, mesmo distantes em quase 3000 anos, reconhecemos em nossa organização social elementos estruturantes característicos da Grécia antiga e que, não à toa, fundam também por aqui a construção do pensamento. E, embora continuemos numa era ainda dominada pelo arquétipo do patriarcado, por exemplo, as pulsões do presente demandam de nós outras saídas, novas formas de efabulação. Da mesma forma que o entendimento do enfrentamento do mundo sem antecipação, mas com coragem, permite que possamos ressignificar valores.

Ainda assim, a meu ver, a questão não está em exigir que tais narrativas sejam diferentes do que são, desconsideradas ou destituídas de suas funções históricas; mas sim, em saber que no seu processo de atualização, de interpretação

(que é um processo pessoal, subjetivo e coletivo ao mesmo tempo), determinada latência sobre a qual discorre precisa estar mais evidente, de acordo com o presente e seu desenrolar. Pois, é justamente quando a mitologia se mostra competente por múltiplas apreensões e potente em constituir relação com o contexto em voga que o mito se estabelece como tal.

Considerando minha redundância como possível peripécia, reitero: com os olhos do novo, saber olhar o passado, acolhendo-o para tentar transformar o presente. Nada muito distante de um processo terapêutico que se preze e das jornadas de heróis e heroínas, sejam gregos ou não.

Todas estas reflexões, no rasto atrás de minha experiência, uma última vez, me ocorreram assistindo a uma mesa de compartilhamento dentro de um Seminário virtual que não falava de mito, nem propriamente de memória. Porém, hoje, já compõem o caldo das minhas lembranças e de muitos de vocês que me lêem, espero. A mesa discorria, na verdade sobre os autos - autobiografias, autoficções... E, neste trânsito, quando dei por mim, estava conectada com meu auto mais profundo, reativando minha pulsão de ficção, desejante a partir de minha história, por encontrar os sentidos de alter que me põe em comum.

Que nesse período tão peculiar de nossas vidas, em que uma memória coletiva nada feliz inevitavelmente se estabelece, tenhamos olhares atentos para os verdadeiros mitos, dos tempos de infância ou mais remotos, que nos ensinam alguma coisa e organizam nossas experiências na vida e não que nos aparte dela. O exercício do imaginar, a pulsão de ficção, nesse recorte, serve para nos aproximarmos de nós mesmos num sentido ascendente, sempre. Que sejamos capazes de identificar em nossas memórias aquilo que nos aproxima.

Deixemos os corpos contarem.

## **Bibliografia**

KELEMAN, Stanley. *Mito e corpo: uma conversa com Joseph Campbell*. Coautoria de Joseph Campbell. São Paulo, SP: Summus, 2001. 116 p., il. ISBN 9788532307279 (broch.).

MOURA, Alessandro Rolim de (edit. e trad.). *Os trabalhos e os dias*. Curitiba, PR: Segesta, 2012. 147 p. (Raízes do pensamento econômico, 2). ISBN 9788589075138 (broch.).

ROSARIO, Cláudia Cerqueira do. *O lugar mítico da memória*. Ano 1, número 1. Rio de Janeiro, RJ: Morpheus. 2002. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/viewFile/4011/3579>>.